

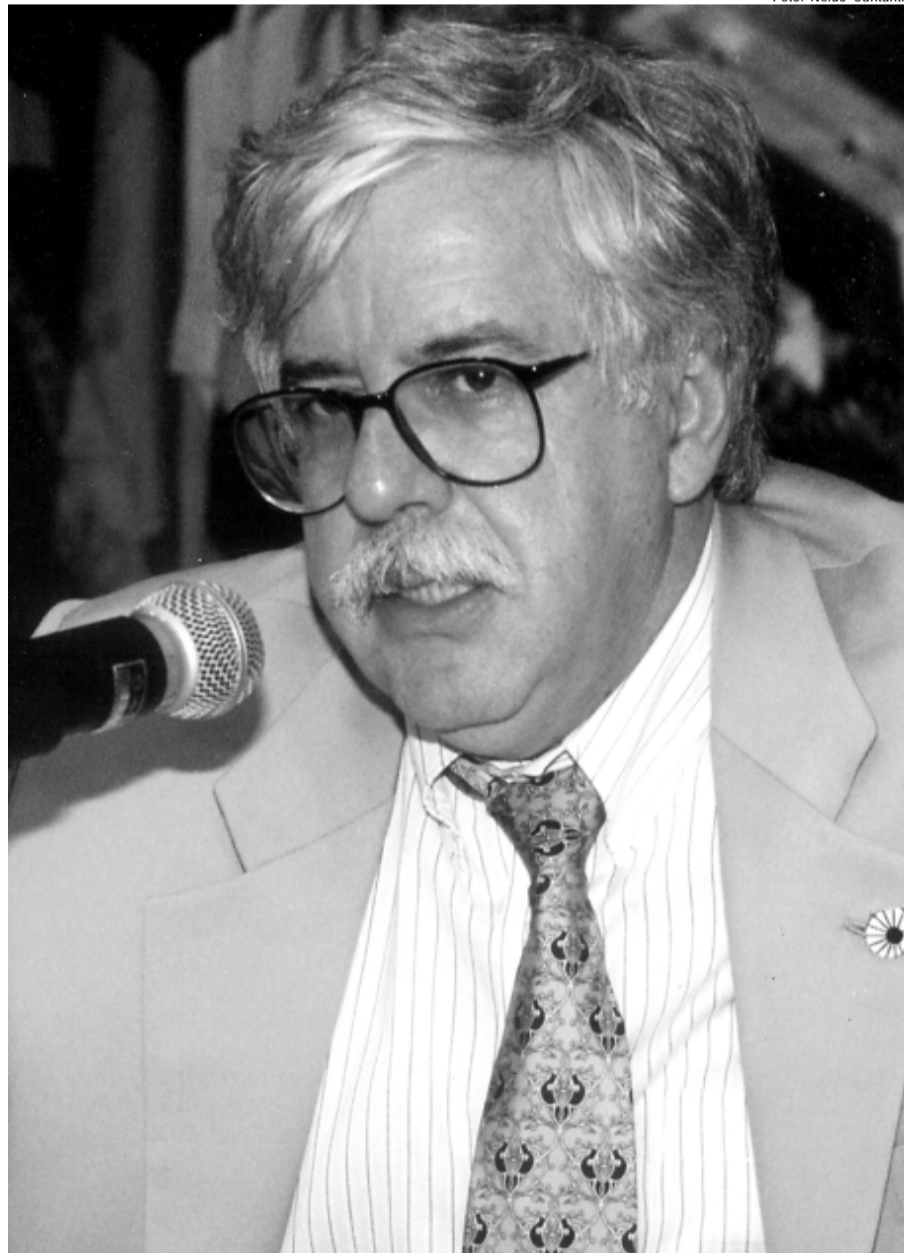
'pacote' do governo no campo da informação

Foto: Antoninho Perri



O professor Reginaldo Moraes, titular do Departamento de Ciência Política do IFCH/Unicamp

Foto: Neldo Cantanti



O filósofo Roberto Romano, do Departamento de Filosofia do IFCH/Unicamp

tenha a exata dimensão das coisas no mundo do pensamento político e ideológico. Boa parte dos que hoje tentam controlar o Judiciário, o Ministério Público, a imprensa, a mídia e os audiovisuais, lutaram contra a ditadura. Mas não em nome de uma democracia que, para eles, é apenas sinônimo de "liberalismo burguês". Eles lutaram para implantar um projeto cujo paradigma estava diante de seus olhos, na figura da URSS, "da pequenina e brava Albânia", da Coréia, etc. Sua consciência foi produzida, desde a juventude, em moldes antidemocráticos. Eles aprenderam que o centralismo partidário, com o evidente dirigismo (a famosa "linha política" e a "palavra de ordem") é o único meio de se transformar a sociedade e o Estado. Por motivos eleitorais, boa parte dos que hoje se encontram no governo assumiram de boca para fora os valores democráticos. Ninguém, no entanto, deixa hábitos antigos — sobretudo os do pensamento — de modo súbito. Um stalinista não se torna democrata repentinamente. Esta verdade está sendo vivenciada entre nós.

JU – Há a hipótese de que, ao propor medidas que julgava boas, o governo cometeu um erro de conceito e de forma, sendo surpreendido pela reação da sociedade. Nesse caso, o ônus a ser pago pelo governo será alto, o lucro nenhum e o recuo inevitável. Este cenário é possível?

Fábio Wanderley – Acho que sim, e na minha opinião é o que provavelmente acontecerá, ainda que o recuo possa ocorrer num aspecto e não em outro, ou ser maior num aspecto do que em outro.

Francisco de Oliveira – Em primeiro lugar, não se trata de erro de concepção do governo. Esta é a concepção do governo, de modo que não se tratou de equívoco ou de cochilo durante o qual passaram essas proposições. Agora, de fato ele está

surpreendido com a reação da sociedade e de uma mídia que é bastante poderosa. Desse ponto de vista, por causa dessa reação, provavelmente ele vai recuar. Não sei em que sentido nem em que novas proposições, mas provavelmente vai recuar. Até mesmo o Congresso será capaz de, quem sabe, jogar na gaveta esse tipo de projeto, mas não se tratou de equívoco de concepção. Essa é a concepção que está presidindo as estruturas dirigentes do PT hoje em dia.

Reginaldo Moraes – Reação da sociedade? De que "sociedade"? Quem, hoje, detém poder nesse campo? Seria necessário fazer um balanço de quem controla a mídia brasileira, de seu grau de endividamento e dependência frente a bancos credores e frente ao próprio governo federal. Consta que o maior grupo do país está enforcado e retido na coleira. Que um dos maiores jornais do país — famoso pelas suas posições liberais — está nas mãos de um grande banco, porque destruído financeiramente pelos seus antigos proprietários. Há, além disso, uma enorme e pouco clara rede de comunicações nas mãos de pastores eletrônicos de todo tipo. É essa a "sociedade" que reage ao Conselho?

Roberto Romano – Que existam prejuízos, isso é evidente. Já não é tão evidente que eles sejam para o governo. O Brasil é o país onde a oposição é proibida. Essa verdade não se deve apenas aos que estão no poder, mas liga-se à subserviência generalizada. Assim, o governo pode sair-se muito bem dessa enrascada, como tem conseguido escapar de situações desesperadas, como por exemplo o caso Waldomiro Diniz, do assassinato dos prefeitos de Campinas e de Santo André. O Brasil, com o atual governo, amplia seu destino de ter como lema e prático o famoso "é dando que se recebe".

JU – Mas há também a hipótese de que o governo, sentindo-se forte com os primeiros sucessos na economia, esteja disposto a pagar o preço moral e lançar "redes de segurança" (sobretudo no plano da informação) que lhe garantam sua continuidade no poder. Teríamos assim uma espécie de chavismo à brasileira. O senhor acredita nisso?

Fábio Wanderley – Não acredito, pois creio que a aposta aí contida envolveria um grande erro de avaliação: o governo estaria abrindo uma caixa de Pandora que com certeza se voltaria contra ele.

Francisco de Oliveira – O problema do chavismo é muito mais complexo. O chavismo é uma espécie de recurso do culto a Bolívar numa sociedade em que há uma forte decomposição de classes. A Venezuela não tem operariado. E o pouco operariado que tem é um aliado do grande capital ligado aos negócios do petróleo.

A grande massa do povo venezuelano só pode ser atingida através de medidas, que são a característica do chavismo. São aquelas que a literatura clássica apontava como típicas do populismo.

A tentativa desse populismo é a de incluir essas classes, que na verdade não são mais classes, na política. As que estão incluídas na política penem todas para a direita. Algo semelhante está se passando no Brasil devido também à decomposição da classe trabalhadora. Ela foi varrida pela globalização e pela reestruturação produtiva; é uma classe que está com 20% de desemprego e com uma alta informalização. Há uma devastação de classes no Brasil à qual o governo federal tenta resolver com esse processo de permanente aparição do presidente na mídia. Esse é um recurso midiático para socorrer na verdade o que é fraqueza do governo. É uma ilusão pensar que o governo é forte. Ele, ao contrário do que arrota, é fraquíssimo e está completamente prisioneiro do capital financeiro. Veja-se agora o foro privilegiado do senhor Henrique Meirelles. Isso mostra que o governo capitulou, transformando-se em prisioneiro desses interesses. Esses recursos são típicos de uma situação em que você não tem realmente a hegemonia.

Reginaldo Moraes – Chavismo à brasileira? Chavez é Chavez, Venezuela é Venezuela. Outra coisa é outra coisa. Mas, se quisermos falar em chavismo seria bom dizer também o que são os donos de meios de comunicação daquele país e quais são suas democráticas iniciativas. Porque não se fala então de "bushismo à brasileira"? Quando se iniciou a criminosa invasão do Iraque, houve um massacre de mídia "patriótica" para conseguir apoio popular àquela aventura. Hoje, é claro, não convém mencionar o tema.

Temos, de novo, essa idéia de segurar informação e manipular. Volto a perguntar: quem é o conselho? Quem o compõe? Quem tem medo de jornalistas intervindo no modo de operar das empresas de comunicação, tendo atrás de si a autoridade de um conselho profissional eleito, como têm os médicos, os dentistas, os advogados, os contabilistas...? A quem interessa?

Roberto Romano – Sim, acredito. E sinto muita tristeza. Heine, o grande poeta romântico, dizia que ao pensar na Alemanha, à noite, chorava. Eu tenho pesadelos com o Brasil. Duas ditaduras no século 20, e ainda possuímos consciências formadas na pedagogia da servidão. Enquanto isso, pesquisas dizem que a massa, na sua maior parte, está disposta a aceitar qualquer governo, mesmo ditatorial, que "resolva os problemas econômicos". Como dizia outro poeta: "o ventre da besta é fértil...".

Colaborou Álvaro Kassab

De fato, o projeto advém de quem lutou contra a ditadura. E a reação negativa ao projeto, em grande medida, de quem dela se beneficiou. Ou não? Mas a dificuldade para fazer andar alguma democratização da mídia, no Brasil, vai muito além disso

Reginaldo Moraes

"O governo pode sair-se muito bem dessa enrascada, como tem conseguido escapar de situações desesperadas, como por exemplo do caso Waldomiro Diniz, do assassinato dos prefeitos de Campinas e de Santo André"

Roberto Romano